

O PAPEL DO PERIODISMO “VERDE” NA EXPANSÃO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (ANOS 1930): UMA REVISÃO

THE ROLE OF "GREEN" JOURNALISM IN THE EXPANSION OF AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (1930s): A REVIEW

Rodolfo Fiorucci*
rodhistoria@yahoo.com.br

RESUMO: O artigo discute o papel da imprensa integralista no movimento comandado por Plínio Salgado nos anos 1930, com o intuito de redimensionar o impacto deste jornalismo na expansão da Ação Integralista Brasileira (AIB). Atento ao fato de que a historiografia assumiu essa imprensa como determinante no desenvolvimento da AIB, propõe-se aqui outro olhar sobre esta questão, sem a pretensão de finalizar o debate, mas com o objetivo de oferecer subsídios para novas pesquisas que assumam a imprensa integralista como fonte e/ou objeto de pesquisa. A análise da relação entre periódicos integralistas e resultados eleitorais foi apontada como base para as asserções aqui apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa, Ação Integralista Brasileira, Movimento Político.

ABSTRACT: The article discusses the role of the press in the movement led by Plínio Salgado in the 1930s, in order to resize the impact of journalism on the expansion of Ação Integralista Brasileira (AIB). Aware of the fact that historiography took this press as a determinant in the development of AIB, here it is proposed another look on this issue, no claim to end the debate, but with the goal of providing subsidies to new research that take the press of AIB as a source and/or object of research. The analysis of the relationship between press of AIB and election results was appointed as the basis for the assertions presented here.

KEYWORDS: Press, Ação Integralista Brasileira, Political Movement.

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento político que surgiu nos anos 1930, cuja doutrina dialogava com o fascismo e o nazismo europeus. Seu líder, Plínio Salgado, jornalista, político e escritor, sempre demonstrou uma faceta nacionalista e conservadora, característica que foi se concretizando ao longo de sua formação, especialmente após sua viagem à Itália e seu contato pessoal com o líder Benito Mussolini, em 1930, o que cimentou sua simpatia pelo fascismo (TRINDADE, 1979, p. 75-76). Essa experiência e observação dos movimentos de extrema direita na Europa impeliram Salgado a projetar algo parecido para o Brasil, inclusive apropriando-se de estratégias de propaganda política típicas daquele contexto, entre as quais figurava a imprensa como elemento indispensável.

Não apenas a imprensa era apontada como ferramenta *sine qua non* para os projetos integralistas, mas os diversos aparatos utilizados pelos movimentos de extrema direita, como desfiles, gestos, gritos de ordem, uniformes, bandeiras, auxílios sociais, escolas

* Doutor em História; Docente do IFPR/Jacarezinho.

etc. Porém, devido à própria trajetória dos líderes dos camisas-verdes (referência à cor do uniforme que utilizavam), que se destacaram atuando em diversos periódicos nos anos 1920-1930 (Ver FIORUCCI, 2013), o jornalismo ganhou destaque na AIB, sendo elemento de atenção constante por parte de sua direção. A ininterrupta menção às publicações verdes em seus próprios periódicos e o aparato administrativo de controle sobre as mesmas construíram uma memória de grandiosidade em torno dessa estrutura de imprensa, o que muitas vezes foi tomado como certo pela historiografia.

Cabe, nesta questão, apontar alguns dos importantes trabalhos que abordaram o papel desta imprensa na AIB, com o fito de identificar o modo como a historiografia vem tratando o tema. Um dos trabalhos pioneiros sobre o assunto, de Rosa Cavaleri, afirmou categoricamente a função indispensável do periodismo verde no movimento:

A palavra impressa, isto é, o livro e o jornal, ocupava um lugar de destaque na rede constituída pela A.I.B. Era, principalmente por seu intermédio, que a doutrina integralista chegava ao militante. O livro veiculava as ideias produzidas pelos teóricos do partido e o jornal as popularizava. A doutrina mantinha-se viva para o integralista graças a sua materialização através do jornal.

O jornal desempenhava, assim, a função de atualização e popularização do “corpus teórico” integralista junto aos militantes (1999, p. 79).

Rodrigo Oliveira, que trabalhou detidamente sobre a estrutura de imprensa integralista, compartilha a avaliação de Cavaleri – ainda que com alguns apontamentos críticos no decorrer de seu doutoramento -, ao afirmar:

Constatamos que o discurso integralista veiculado na imprensa foi um dos grandes responsáveis pela grande expressão social do integralismo e o instrumento que possibilitou à AIB a se tornar um movimento de massas, o primeiro organizado nacionalmente no país (2009, p. 207).

Paschoaleto reforça o sentimento dos próprios integralistas vendo a imprensa como “muito importante”, numa relação dialética com a AIB, já que ao passo que se expandia territorialmente, novos jornais eram formados, sendo estes responsáveis por levar a palavra ao futuro militante (2011, p. 100-101). Essa era de fato a pretensão dos camisas-verdes, contudo, há de se matizar tal relação.

Essa caracterização assumida pelos autores acima é, de maneira geral, naturalizada nos estudos historiográficos que tomaram os jornais e revistas integralistas como fonte e objeto de pesquisa. Duas importantes coletâneas lançadas recentemente apontam para essa tendência, cujos artigos tomam o periodismo verde como fator de expansão indispensável

da AIB.¹ Trabalhos de inegável qualidade, tendo como foco questões pontuais nas folhas integralistas, não procuraram discutir o real impacto das mesmas para o movimento e o cenário político da época - preocupação evidente nas linhas que seguem.

Embora o alcance da imprensa verde tenha sido sensível em algumas situações, é preciso repensar sua classificação dentro da história do jornalismo brasileiro, tal como chama a atenção Jefferson Barbosa. Para o autor, a AIB pode ser caracterizada como partido de massa, no entanto, sua imprensa não apresenta suporte para tal alcunha. Primeiro, porque nem mesmo a sociedade brasileira era vista como de massas, pois ainda era predominantemente rural e com um elevado nível de analfabetismo; segundo, porque para se configurar como tal seria preciso estar inserida na estrutura do capitalismo moderno, o que não era o caso por aqui nos anos 1930 (2007, p. 66-67).

O Brasil começava a desenvolver e popularizar canais de comunicação de amplo alcance, como a imprensa escrita e falada, o que não oferecia, ainda, as bases necessárias para estabelecer uma imprensa de massa, especialmente a de cunho político, como o jornalismo da AIB. Brow faz um esboço das características de uma comunicação desse segmento:

Mas o que é comunicação de massa? Ela foi definida como uma comunicação dirigida para um público relativamente grande, heterogêneo e anônimo. Não abarca obrigatoriamente qualquer ocasião em que são utilizados os veículos de divulgação (...) Por um público “grande” temos em vista um público exposto apenas por pouco tempo, e de tal tamanho que o expositor não teria possibilidade de interagir com seus componentes numa relação face a face. O termo “heterogêneo” exclui comunicações a um público especializado ou de elite e significa os aglomerados de indivíduos ocupando grande variedade de posições dentro da sociedade relativamente a sexo, idade, classe, grupo ocupacional, religião, nacionalidade, nível de educação, localização geográfica e assim sucessivamente. Finalmente, o critério do anonimato implica que os indivíduos que compõe tal público permanecem pessoalmente desconhecidos para o agente da comunicação. [...] Mas, na medida em que o agente da comunicação está em jogo, sua mensagem é franqueada a quem quer que queira ouvir ou ver. As comunicações de massa dirigem-se ao público em geral e tendem a ser rápidas e transitórias, rápidas no sentido de se destinarem a ser utilizadas em prazo relativamente curto e transitórias no sentido de, embora possam ser feitos filmes e gravações, são encaradas como de consumo imediato. Na

¹ Ver GONÇALVES, Leandro; SIMÕES, Renata (orgs). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011; _____. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Vol. 2. Guaíba: Sob Medida, 2012. As coletâneas se preocupam, de maneira geral, com as maneiras como os periódicos verdes abordaram certos assuntos candentes do período.

maioria dos casos, ou assim tem sido considerado geralmente, a audiência de massa compõe-se de indivíduos anônimos com muita pouca interação entre si e de organização bastante frouxa (Citado por BARBOSA, 2007, p. 67-68).

Nesta perspectiva, há dificuldade em conceber o periodismo integralista como de massa, já que as características da sociedade brasileira travavam o desenvolvimento desse tipo de imprensa. Nelson W. Sodré aponta para essa questão ao diferenciar, no Brasil, *imprensa de meios de massa*. Para o autor, jornais e revistas (imprensa) não se configuram como meios de massa, pois não são de uso comum na maioria da população (SODRÉ, 1999, p. IX-X). De longo alcance seriam, portanto, o rádio e a TV, meios que se enquadram nos pressupostos de Brow, oferecendo conteúdos transitórios, rápidos e de fácil consumo. O rádio, já começava a se popularizar, mas ainda não era o veículo principal de atuação jornalística-política da AIB. A TV, sequer havia chegado ao Brasil.

Tomando por base tais asserções, entende-se que a definição de Jefferson Barbosa é eficaz para mencionar a dinâmica impressa da AIB. Diz ele que a propaganda política integralista, feita por meio de sua imprensa, é entendida como um “canal de difusão ideológica de partido de massa” (2007, p. 69). Ou seja, não se deve confundir agente (partido), veículo (imprensa) e receptor (público), muito menos sob a ótica das intencionalidades, obnubilando dados evidentes. Se por um lado a AIB tinha características de um partido de massa, não se pode dizer o mesmo de sua imprensa.

Não se procura, aqui, estabelecer um estigma sobre o jornalismo verde daquele período, tampouco finalizar o debate sobre seu alcance. O intuito é apenas refletir sobre a ideia geral que vem sendo construída sobre a imprensa da AIB, vista como um dos, senão o principal, meio de difusão ideológica e expansão do movimento. Tal postura se ancora nas próprias incoerências facilmente encontradas nos periódicos verdes e nas próprias pesquisas que, muitas vezes, por se focarem em detalhes e nas informações da fonte, constroem verdades duras e que podem não condizer com os fatos.

Ainda que, sem dúvida, o periodismo fosse visto como recurso mister pelas lideranças, tanto que organizaram secretarias e mecanismos de controle, é difícil conceber que, visto panoramicamente, a estrutura de imprensa da AIB tenha atingido níveis tão elevados. Parece muito mais impactante os desfiles, as palestras e as ações assistencialistas do que de fato a palavra impressa na transmissão da doutrina.

Há de se ponderar, por exemplo, o mercado editorial brasileiro, que cresceu muito nos anos 1930, contando com grandes jornais e revistas em circulação (LUCA, 2011, p. 118), configurando-se em fortes concorrentes ao jornalismo doutrinário, repetitivo e maçante dos camisas-verdes. Além disso, consideram-se outros elementos, talvez tão ou mais importantes que a imprensa, para a expansão do movimento. As Bandeiras² tiveram papel crucial nesse segmento, pois estas sim levavam a doutrina aos mais remotos rincões, sendo responsáveis diretas pela quantidade de núcleos fundados pelo país, 1381 no período de existência legal do partido.³

Existia uma recomendação de que cada novo núcleo fundasse um jornal próprio, pretensão não alcançada. Ao se verificar o montante de jornais (138) e revistas (8) editados no total, percebe-se que a orientação não funcionou bem. Mais que isso, desse montante, a maioria dos jornais foi de circulação local (106), com pequena tiragem, poucas páginas, sem periodicidade fixa e de curtíssima duração (OLIVEIRA, 2009, p. 138), sendo que muitos não passaram do primeiro número; e, claro, também contavam com concorrência, não apenas nacional e regional, como em muitos casos, local. Dentre as revistas, apenas *Anauê!* circulou nacionalmente, e ainda assim apresentou sérios problemas de gestão e circulação (ver FIORUCCI, 2014).

Portanto, a alarmada rede de imprensa integralista, na verdade, foi bastante frágil, dependendo de pouquíssimas publicações um pouco mais organizadas para circular com mais expressão. Sem dúvida, *A Offensiva* foi o mais importante jornal, confeccionado na capital da República (também de circulação nacional), cujo mercado editorial se apresentava como o mais extenso e forte do país, só equiparado, quiçá, ao de São Paulo, cidade sede do jornal integralista *Acção*. Isto é, mesmo estas folhas aparecendo como importantes para o movimento, postas ao lado das grandes empresas jornalísticas daquelas localidades, fica difícil conceber o sucesso repetido pelos camisas-verdes quanto as suas publicações. De um lado encontravam-se jornais e revistas mais bem estruturados, com mais recursos, com variedades de assuntos, imagens e com grande publicidade e, de outro, congêneres verdes

² As Bandeiras integralistas eram movimentos de interiorização da doutrina levadas a cabo por grupos de camisas-verdes que deslocavam-se para pequenas cidades e regiões rurais de todo o país para levar a palavra do Chefe Plínio Salgado. Era uma espécie de homenagem aos bandeirantes históricos que ampliaram as fronteiras da colônia e são vistos como responsáveis pela integralização do país à época.

³ O integralismo valia-se tanto do exagero nos dados divulgados que, em carta de Salgado a Vargas (*Op. Cit.*, p. 8), o Chefe dos camisas-verdes afirmou que eram mais de 4 mil núcleos da AIB.

menos populares, que abusavam de um discurso doutrinário e maçante, mesmo quando buscavam variar os temas, o que sugere dificuldade no apelo ao público leitor (que era bastante reduzido dadas as taxas de analfabetismo).⁴

Tatiana Bulhões, ao se preocupar com a divulgação da AIB em publicações não integralistas, possivelmente ofereceu um caminho para se pensar a relação imprensa/expansão do movimento (2011, p. 305-326). Pode ser que, mais importante que a própria imprensa verde, os veículos não integralistas tenham contribuído sobremaneira para a divulgação do movimento, mesmo que de forma crítica. Numa pesquisa rápida, no site da Biblioteca Nacional (RJ), verificou-se que alguns dos principais jornais cariocas dos anos 1930 fizeram centenas de referências à AIB, aos integralistas, a ações assistencialistas do grupo, bandeiras, reuniões, discursos, desfiles etc, cada um.⁵

Fora das grandes capitais, também o mesmo acontecia em alguns municípios, como demonstrou Ivair Ribeiro ao estudar o jornal *Cidade de Olympia* que, embora não integralista, assumiu e divulgou constantemente a doutrina verde (2004). Na direção oposta, há experiências de jornais que fizeram propaganda negativa da AIB em cidades do interior, como o *Diário dos Campos*, de Ponta Grossa-PR, que entre 1935-1938 publicou mais de 200 artigos críticos ao movimento (CHAVES, 1999, p. 70). Aqui fica, talvez, um caminho para se pensar a dimensão da imprensa no que concerne à exposição da AIB, que pode ter contado muito com folhas exógenas ao partido para publicizar seu nome e doutrina.

Quanto às revistas de variedades e ilustradas, o integralismo não foi assunto recorrente em suas páginas, à exceção de *Fon-Fon*, que foi dirigida por um tempo por Gustavo Barroso e contava com sua colaboração desde 1911, com o pseudônimo João do Norte. No período de atuação dos camisas-verdes, esta revista era dirigida por Sergio Silva, membro da Câmara dos 40 da AIB, órgão dos mais importantes na burocracia e organização do movimento, o que explica tal posicionamento. Ainda assim, não foram numerosas as referências.⁶

⁴ O analfabetismo beirava 80% da população nos anos 1920, sem mencionar que, entre os letrados, como lembrou o escritor Afrânio Peixoto, cerca de 25% sequer tinha o hábito de leitura (DUTRA, 2013, p. 230).

⁵ Foram feitas pesquisas com as entradas “integralismo”, “Ação Integralista” e “Plínio Salgado”, nos jornais *A Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *A Noite*.

⁶ As revistas consultadas, com as mesmas entradas, foram, além de *Fon-Fon*, *O Malho*, *Careta*, *A Cigarra* e *Revista da Semana*.

A *Cigarra*, em 1935, também contava com um integralista em sua direção. Menotti del Picchia aparecia como diretor geral da publicação, o que revela a incursão de camisas-verdes por vários periódicos da grande imprensa naquele período. No entanto, essa revista não tocou no assunto "AIB" constantemente, talvez por não fazer parte do rol de seus interesses imediatos, posto que atuava como revista de variedades e ilustrada.

Não obstante as ilustradas, há fortes elementos para se acreditar que a imprensa não-integralista tenha feito repetitiva propaganda do movimento (ainda que em alguns casos, negativa). É preciso notar, também, que muitas vezes as motivações de menções ao integralismo na imprensa em geral foram os atos públicos que, sem dúvida, chamavam a atenção tanto nas grandes quanto nas pequenas cidades brasileiras dos anos 1930. Período de analfabetismo gritante e elevada população rural, é preciso pensar no impacto desses atos, especialmente as bandeiras, ao entrarem com alvoroço nas cidades do interior, o que se repete para os desfiles extremamente organizados, os discursos inflamados dos líderes da AIB, o assistencialismo social realizado por instituições que serviam alimentos aos pobres, a prestação de cuidados médicos em ambulatórios financiados pela AIB, as escolas comuns e profissionalizantes etc. Tudo, com a mais pomposa demonstração de força, organização, pertencimento e ordem, guiados por ideais cristãos tendo a pátria e a família como nortes. Em muitas dessas ocasiões, o choque imagético era recurso indispensável: simetria dos camisas-verdes, uniformes, insígnias, bandeiras, broches, gritos de ordem, saudações encenadas, tudo na mais perfeita execução. Pedro Fagundes explica o potencial desses estratégias na propaganda política:

Em um ritual político, cada gesto corporal cumpre uma determinada finalidade no sentido de transmitir uma "verdade" que deve ser assimilada por todos. Mais do que isso, a repetição gestual é um elemento que explicita a unidade e a aceitação das diretrizes do partido. Levantar o braço, desfilar, repetir uma saudação, enfim, significa mais que simples ações físicas. Representa estar enquadrado e em sintonia com as ideias e ideais do partido.

De fato, o ritual assume uma dimensão que extrapola a simples dimensão da subjetividade. No terreno da política, as cerimônias e celebrações atingem um caráter objetivo, pois, concretamente busca-se alcançar a plena subordinação dos filiados. Para isso, a necessidade das liturgias políticas que hipnotizam as "massas", garantindo ao partido/condutor a primazia na tradução do ritual e efetivo controle do poder (FAGUNDES, 2012, p. 892-893).

Sem pretender sujeitar um movimento ao outro, é preciso lembrar as eficientes estratégias de políticas de massas, muito em voga naqueles tempos, usadas principalmente pelos fascismos. Em muitos aspectos, dialogam os ardis propagandísticos utilizados por Mussolini e Hitler na Europa, com os empregados por Salgado no Brasil. Lá, alguns autores são firmes ao apontarem os atos públicos como os recursos doutrinários e propagandísticos mais eficientes dos partidos. Peter Adam, por exemplo, faz a seguinte asserção:

The most powerfull weapon in the National Socialists propaganda arsenal were the mass meetings.

In these mass marches the enthusiasm for the regime was carefully orchestrated in the form of a complex visual arrangement of uniforms and group formations, choreographed like a ballet (1995, p. 82, 88).⁷

David Welch complementa o exposto ao inferir que a imprensa teve pouca influência nos primeiros anos de evolução do nazismo alemão, mesma opinião de líderes integralistas às vésperas do Congresso de Imprensa, que ocorreu em dezembro de 1936 (Ver *ACÇÃO*, 17/11/1936). Na Europa, o que concorreu para a expansão foi a atuação dos núcleos regionais do partido, que organizavam desfiles, reuniões, encontros etc (1995, p. 12-13). É muito parecido, pois, a trajetória dos movimentos europeus ao da AIB. A imprensa integralista também foi pouco relevante no início – e talvez durante todo o processo -, cabendo às ações diretas a publicização do movimento.

Em dezembro de 1936, alguns dias antes do congresso organizado pela AIB que discutiria a atuação de sua própria imprensa, o secretário nacional de doutrina do movimento, Ernani Silva Bruno, expõe o grau de insatisfação dos líderes:

Acontece ainda que nos preocupamos, no momento, com a questão da imprensa integralista no Brasil. Porque **a imprensa atual do Integralismo não nos satisfaz. Ainda não conseguimos realizar o jornalismo que reputamos satisfatoriamente para o país e para as necessidades do nosso movimento.**

Reconhecemos o esforço de quantos trabalham e orientam os irmãos integralistas. Sabemos que quase sempre eles não podem fazer coisa melhor, porque as circunstâncias limitam o desenvolvimento da sua ação.

Vamos por isso estudar em conjunto, todos nós que trabalhamos na imprensa, os meios de atuação mediante os quais vamos dar uma organização mais perfeita ao nosso jornalismo e os processos através dos quais vamos fazer dele um instrumento mais sensível de expressão do

⁷ “As mais poderosas armas da propaganda nazista foram os encontros de massa. Naquelas marchas o entusiasmo pelo regime era cuidadosamente orquestrado num arranjo visual complexo de grupos organizados e uniformizados, coreografados como num balé”.

nosso pensamento político e de orientação da opinião pública nacional (*A OFFENSIVA*, 15/12/1936, p. 1-2 – grifos meus).

Nesta mesma entrevista, Bruno revela clareza quanto ao consumo de escritos no país, que se voltava principalmente aos jornais e revistas ligeiros, deixando de lado os livros, as bibliotecas e as conferências educativas (*Idem*, p. 1). Diante desse quadro, via na imprensa verde a salvação do público na oferta de conteúdo de qualidade, livrando-o do jornalismo deficiente dos periódicos liberais. Porém, noutra sentença, reforça a ideia aqui defendida de que o periodismo verde não tinha grande apelo junto ao público, dadas as suas características militantes. E isso era um problema que deveria ser encarado com firmeza, já que não se focava mais apenas no integralista, mas em todos os brasileiros, pois se pretendia orientar a opinião pública nacional.

Ainda assim, quando os jornais verdes surgiam, eram quase sempre exclusivamente voltados à doutrinação, sem grandes preocupações com variação temática ou recursos lúdicos (até mesmo pela incapacidade financeira para tal). Vê-se, pois, que havia um problema nesta imprensa que pretendia, desde 1935, angariar eleitores, já que a AIB se tornara, naquele ano, partido político. Ser doutrinária não atrairia novo público, e falar para o militante já seduzido não mudaria a força da AIB nas urnas. Diante desta incapacidade de disputar com a grande imprensa, muito mais moderna e atraente – o que inclusive ameaçava a manutenção dos já militantes –, a revista *Anauê!* apareceu para tentar marcar posição no campo de batalha que não era território dos camisas-verdes, o das publicações ligeiras, populares, ilustradas. Bulhões bem exemplifica isso quando compara a supracitada revista e o jornal *A Offensiva* e percebe as diferentes maneiras de tratar os mesmos assuntos, expostos de forma mais leve nas páginas revisteira (2007, p. 79).

A supracitada revista, a única de circulação nacional confeccionada pelos integralistas, e que possuía características, teoricamente, mais atraentes a público amplo, posto que se apresentava como ilustrada e de variedades, não foi capaz de sensíveis avanços no mercado editorial, como bem comprovou tese de doutoramento recente, demarcando bem as limitações estratégicas, operacionais, administrativas e financeiras de *Anauê!* (FIORUCCI, 2014). Se nem mesmo a revista mais divulgada e apreciada pelos camisas-verdes teve de fato peso relevante frente ao leitor comum, é de se desconfiar das assertivas acadêmicas (em alguns casos) e militantes (integralistas) sobre o real papel desta imprensa.

nos municípios, mesmo sendo, e é preciso lembrar, o Ceará uma das províncias de maior número de integralistas filiados.

Nas capitais, onde a AIB contava com sua maior força jornalística, os resultados foram pífios, como se pode ver nos onze Estados da amostragem (Anexo 1), em que nenhum integralista conseguiu o cargo de prefeito e que, quando tiveram vereadores, poucas passaram de um. São, estes, primeiros contrapontos à ideia de indispensabilidade periodística no movimento. Percebe-se, então, que não necessariamente a imprensa foi responsável pelas vitórias no campo eleitoral. Para tal contribuíram fatores específicos em cada uma das regiões do país. À despeito das eleições, tampouco pode-se aventar a possibilidade de que a imprensa tenha sido responsável pela expansão territorial do movimento, já que isso coube às bandeiras, desfile e discursos.

Ao se observar o mapa de publicações oferecido pela própria AIB, percebe-se que os Estados com maior número de publicações são os com maior contingente militante. Contudo, isso ocorre por uma lógica específica. Estes Estados são os primeiros a iniciar a formação de núcleos do movimento e leva-los para o interior, o que explica sua concentração na região Sudeste e no Estado da Bahia. Além disso, há de se observar que nesses locais, em especial RJ, SP e MG, a malha urbana era mais acentuada, o que dava mais suporte a investimentos impressos. Isto é, primeiro a interiorização do movimento deu-se com a ação das bandeiras, a formação de núcleos, a organização de eventos públicos e a assistência social, para apenas depois, e em algumas cidades pontuais, fundar jornais.

Alguns autores contribuem para os apontamentos até aqui feitos. Ainda com relação ao Ceará, Regis explanou que a AIB contou com outras forças políticas e sociais para crescer, como a LEC e a Legião Cearense do Trabalho (o que a aproximava mais do operariado que em outras regiões) (2010, p. 7-12). É preciso lembrar, ainda, que nesse Estado a igreja católica desde o início se colocou ao lado dos integralistas, tornando-se forte agente propagandístico (SILVA, 2011, p. 50).⁸

Em Pernambuco, algo muito parecido ocorreu. Mais uma vez o discurso integralista esteve ligado ao catolicismo e aos seus movimentos, como a LEC e a Ação Católica Brasileira

⁸ Giselda Silva pondera que a relação entre igreja católica e integralismo foi marcada pela inconstância e falta de equilíbrio, ora aproximando-se, ora afastando-se um do outro. Agiam ambos em nome da pátria, da família e de Deus, tendo como inimigos em comum o comunismo. Essa relação só foi mais estável no Ceará, onde a AIB começou ligada à Igreja (ver SILVA, Giselda. *A Igreja Católica Militante e a Ação Integralista Brasileira: aproximações e divergências (1932-38)*. In: MOURA, Carlos; SILVA, Eliane; SANTOS, Mario; SILVA, Paulo. *Religião, Cultura e Política no Brasil: perspectivas históricas*. Campinas: UNICAMP, 2011, p. 33-52).

(ACB). Contudo, neste caso, Carlos Moura é mais firme ao exprimir que a publicidade política da AIB teve como importante elemento as ações assistencialistas (especialmente os atendimentos em saúde e educação). “Desta forma, com escolas, ambulatórios médicos, farmácias, entre outras atividades, angariavam votos aos seus representantes nas urnas”, afirmou o autor (2005, p. 5).

No Maranhão, João Caldeira procurou demonstrar as articulações políticas do partido com as oligarquias (ainda que no discurso a AIB as criticasse por trabalharem contra a união territorial e política), importando-se com a imprensa integralista no processo. No entanto, pelas próprias assertivas do autor, fica difícil conceber que as publicações integralistas fossem de peso, indicando alguns jornais pequenos, de curta duração e muitos sem anúncios. Ele mesmo indica que, no ano de 1937, houve expansão do partido no interior com a fundação de vários núcleos e não jornais, sendo que contavam também com o apoio católico (CALDEIRA, 1999, p. 63-96). Ainda assim, em março daquele ano, a AIB contabilizava células em apenas 17 municípios, o que revela a fragilidade do crescimento no Maranhão, e seu avanço somente com a formação dos núcleos.

O mesmo ocorreu no Espírito Santo, que se concentrou em abrir núcleos no período eleitoral da AIB e nas lutas contra a ANL (Ação Nacional Libertadora) (FAGUNDES, 2011, p. 10). No Paraná, Athaides mostrou que alguns dos núcleos mais ativos e fortes não contavam com nenhum periódico. Por exemplo, Rio Negro elegeu quatro vereadores pela AIB, e Imbituva, seis, só não conseguindo maior sucesso porque os comícios, desfiles e caravanas foram proibidos pela polícia, já que o partido fora posto na ilegalidade por sete meses, em 1936, naquele Estado (2012, p. 179-208).

Um dos Estados mais fortes, a Bahia, também apresenta dados que levam a repensar a atuação da imprensa no avanço do movimento verde. Com mais de 300 núcleos e 46 mil filiados, de acordo com dados da AIB, o Estado contou com apenas 12 periódicos durante a existência do partido, sendo cinco impressos em Salvador.⁹ Nesta capital, apenas um vereador foi eleito, ainda que contasse com o apoio de dois grandes jornais não integralistas: *O Imparcial* e *Diário de Notícias*.¹⁰

Desses periódicos, quase nenhum foi de grande expressão, ficando patente que os camisas-verdes contaram muito com apoio de publicações que não lhes pertenciam. O jornal

⁹ Lembrando que *O Imparcial*, que é listado no *Monitor Integralista*, não era oficialmente integralista.

¹⁰ Este último mudou sua postura em 1936 e se colocou na hoste contrária (FERREIRA, 2009, p. 46).

oficial integralista foi *A Província*,¹¹ usado quase exclusivamente para doutrinação, o que cerceou sua capacidade de inserção em público amplo (FERREIRA, 2009, p. 51). Na Bahia, como em muitos outros Estados, foram as bandeiras, as formações de núcleos e as ações públicas as responsáveis pelo grande crescimento do partido, ideia partilhada por Lais Ferreira (Idem, p. 26-27) e Amélia S. Neta (2012, p. 63). Já Cristiano Alves reforça tal posicionamento ao recordar que, após visitas e discursos de Plínio Salgado em várias cidades da Bahia, em novembro de 1935, houve sensível crescimento de filiados, o que foi estimulado mais, talvez, pelas rebeliões creditadas à ANL naquele momento (2008, p. 414).

Nos estados do Sudeste, embora a imprensa verde tenha sido mais numerosa, há de se realçar o papel dos mesmos elementos elencados até aqui na propaganda do movimento. Na verdade, a junção das várias estratégias combinava para divulgar a doutrina dos integralistas no seio social e, parece, que a imprensa não tenha sido das mais frutíferas. Pedro Fagundes inferiu que

Possuir uma ampla rede de órgãos informativos e realizar desfiles era algo que não garantia que os integralistas tivessem fatos concretos para apresentar para seus leitores/eleitores. Entretanto, a partir do momento que adotaram a via eleitoral, por volta de 1936 os ‘Soldados de Deus’ precisariam apresentar às ‘massas’ mais do que apenas a sua retórica doutrinária. Nesse sentido, podemos verificar que foi exatamente nesse momento que ocorreu um adensamento das atividades de caráter social dos integralistas. Os trabalhos desenvolvidos nas escolas, ambulatórios, asilos, enfim, as atividades sociais passaram a ocupar – durante os períodos pré-eleitorais – cada vez mais espaços nos órgãos informativos da AIB (2011).

Portanto, como se observou até aqui, é possível reler a imprensa integralista readequando seu papel na AIB, sem adotar o discurso inflamado dos camisas-verdes que agigantavam seus atos para impactar. Não se pretendeu concluir definitivamente que a imprensa não teve papel como até agora se observou na historiografia e nas folhas verdes, mas contribuir para uma reflexão diferenciada e fazer alguns apontamentos de pesquisa. Obviamente, para se determinar qual de fato o peso desta imprensa, será preciso pesquisas mais pontuais e individualizadas que, em conjunto, possam oferecer um quadro mais estável.

Todavia, foi possível realizar ponderações seguras que, no limite, permitem repensar a estrutura de imprensa integralista e sua atuação política nos anos 1930. É mais

¹¹ Talvez de tão pequena expressão que sequer foi relacionado na lista de jornais integralistas publicada pelo *Monitor Integralista*.

plausível considerar a imprensa como um projeto integralista que não se concretizou satisfatoriamente quanto às expectativas divulgadas por seus líderes, mas que teve função de controlar a forma como a doutrina era reproduzida, já que os núcleos se viam obrigados a adquirir o *Monitor Integralista* (espécie de Diário Oficial da AIB) e o jornal *A Offensiva*, principal diário. Parece, a imprensa, ter sido mais atuante entre as lideranças (nacionais, regionais e locais) do que no seio social, devido sua incapacidade de atrair leitores e, na maioria das vezes, de manter suas folhas circulando. Em muitos casos é possível entender o periodismo verde como núcleo fragmentado de elucubrações teóricas, políticas e doutrinárias de confecção e consumo mais centralizado nas elites intelectuais e nas lideranças políticas da AIB.

Por fim, é sintomática a quase total ausência de citações a essa imprensa na historiografia que trata das primeiras décadas do século XX no Brasil – em específico os trabalhos que não tiveram como objeto central o integralismo. Isto mesmo se levando em conta os autores que se dedica(ram) à imprensa daquele íterim. Apenas duas obras se preocuparam em citar periódicos dos camisas-verdes, mas sem dar maior atenção a eles. Tratam-se do elogiado trabalho de Maria Luiza Tucci Carneiro em parceria com Boris Kossoy, *A Imprensa Confiscada pelo Deops (1924-1954)*, e o livro resultante da tese de livre docência da professora Tania de Luca, *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*, que citou ligeiramente a revista *Anauê!*. Portanto, ainda que seja necessário maior empenho dos pesquisadores sobre os periódicos verdes, parece importante encarar este periodismo sob um novo prisma, repensando e reconstruindo sua atuação nos anos 1930.

REFERÊNCIAS

ADAM, Peter. **Art of the Third Reich**. New York: Harry N. Abrams, 1995.

ALVES, Cristiano Cruz. O integralismo e sua influência no anticomunismo baiano. **Antíteses**, v. 1, nº 2, jul-dez. 2008, p. 407-438.

ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos**. Curitiba: UFPR, 2012. (Tese em História)

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Sob a sombra do eixo. Camisas verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)**. Marília, SP: UNESP, 2007. (Dissertação em Ciências Sociais)

BULHÕES, Tatiana da Silva. Ampliando o alcance da propaganda integralista: fotografias e textos na imprensa carioca (*Fon-Fon, Diário de Notícias e A Noite Ilustrada*). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 305-326.

_____. **“Evidências esmagadoras de seus atos”**: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação integralista Brasileira (1932-1937). Rio de Janeiro: UFF, 2007. (Dissertação em História)

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e política regional: a Ação Integralista no Maranhão (1933-37)**. São Paulo: Annablume, 1999.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (orgs.). **A imprensa confiscada pelo Deops (1924-1954)**. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Arquivo do Estado, 2003.

CAVALARI, Rosa Maria. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

CHAVES, Niltonci Batista. “A saia verde está na ponta da escada”: as representações discursivas do *Diário dos Campos* à respeito do integralismo em Ponta Grossa. **Revista de História Regional**, v. 4, nº 1, Ponta Grossa, p. 57-80, 1999.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Cultura. In. GOMES, Angela de Castro. **Olhando para dentro (1930-1964)**. São Paulo: Mapfre/Objetiva, 2013, p. 229-274.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os integralistas no Estado do Espírito Santo (1933-1938). **Revista Ágora**, Vitória (ES), nº 13, 2011, p. 1-16.

_____. Escolas Verdes: as escolas da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Rio de Janeiro (1933-1937). **VI Congresso Brasileiro da História da Educação**. Vitória, ES, 2011.

FERREIRA, Lais Monica Reis. **Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial (1933-1937)**. Salvador: EDUFBA, 2009.

FIORUCCI, Rodolfo. **A trajetória da revista Anauê! (1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira – a “netinha” que não cresceu**. Goiânia: UFG, 2014. (Doutorado em História)

_____. Liderança política e imprensa: os frutos colhidos pelo integralismo. **Anais do XVII Simpósio Nacional de História – Anpuh/Brasil**, Natal-RN, 22 a 26 jul. 2013.

LUCA, Tania Regina de. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: EDUNESP, 2011.

MOURA, Carlos André Silva de. A relação dos intelectuais católicos pernambucanos com o processo de recristianização no início do século XX. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 5, nº 1 e 2, jan-dez. 2005.

NETA, Amélia Saback Alves. **Os verdes às portas do sertão: doutrina e ação política dos integralistas na Bahia (1932-1945)**. Santo Antonio de Jesus, BA: UNEB, 2012.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. Porto Alegre, RS: PUC-RS, 2009. (Tese em História).

PASCHOALETO, Murilo Antonio. Imprensa integralista: uma discussão acerca de sua importância para a expansão da Ação Integralista Brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 124, set. 2011.

REGIS, João Rameres. **Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. (Tese em História)

_____. Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937). **Anpuh-CE**, 2010. Disponível em www.ce.anpuh.org. Acesso em 29 jun. 2013.

RIBEIRO, Ivair Augusto. **O integralismo no sertão de São Paulo: um “fascio de intelectuais”**. Franca, SP: UNESP, 2004. (Dissertação em História)

SILVA, Giselda. A Igreja Católica Militante e a Ação Integralista Brasileira: aproximações e divergências (1932-38). In. MOURA, Carlos; SILVA, Eliane; SANTOS, Mario; SILVA, Paulo. **Religião, Cultura e Política no Brasil: perspectivas históricas**. Campinas: UNICAMP, 2011, p. 33-52.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. - 4. ed. [atualizada]. – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WELCH, David. **The Third Reich: politics and propaganda**. Londres: Routledge, 1995.

Anexo 1: Amostragem da relação de integralistas eleitos (prefeitos e vereadores) e existência de periódicos em 11 Estados Brasileiros, entre 1935-1937¹²

Sampling of elected integralistas (mayors and councilors) and existence of periodic in 11 Brazilian States relationship, between 1935-1937.

ESTADO	MUNICÍPIO	ELEITOS	PERIÓDICOS
Rio Grande do Sul	Caxias do Sul	3 vereadores	---
	Novo Hamburgo	1 vereador	---
Santa Catarina ¹³	Timbó	1 prefeito 3 vereadores	---
	Blumenau	1 prefeito	<i>Cidade de Blumenau; Alvorada; O Blumenau Zeitung</i>
	Brusque	1 prefeito	<i>O Progresso</i>
	Joinville	1 prefeito	<i>Anauê; Jornal de Joinville</i>
	Jaraguá do Sul	1 prefeito	<i>O Jaraguá</i>
	Hansa Hamônia	1 prefeito	---
	São Bento	1 prefeito	---
	Rio do Sul	1 prefeito	<i>O Agricultor</i>
Paraná*	Rodeio	1 prefeito	---
	Rebouças	1 prefeito	---
	Teixeira Soares	1 prefeito	---
	Imbituva	6 vereadores	---
	Ponta Grossa	4 vereadores	<i>Brasil Novo; Invicta</i>
	Curitiba	3 vereadores	<i>A Razão; A Voz do Sigma</i>
	Lapa	3 vereadores	---
	Jacarezinho	2 vereadores	---
	Paranaguá	1 vereador	---
Espírito Santo	São Matheus	1 vereador	---
	Santa Tereza	1 prefeito 5 vereadores	---

¹² Nem todos os Estados estão com a totalidade de seus eleitos. Apresentou-se todos que foram encontrados na pesquisa. Os Estados do Paraná, Rio de Janeiro (à exceção da cidade do Rio de Janeiro), São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito Santo estão completos.

¹³ Foi eleito o total de 74 vereadores integralistas em Santa Catarina no pleito de 1936, divididos regionalmente da seguinte maneira: 12 Sul; 30 Vale do Itajaí; 25 Norte; 4 Oeste; 2 Grande Florianópolis; 1 Planalto (ZANELATTO, João Henrique. *Região, Etnicidade e Política: o integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Porto alegre, RS: PUC, 2007, p. 271).

	Domingos Martins	1 prefeito 3 vereadores	---
	Castelo	4 vereadores	---
	Colatina	3 vereadores	---
	Pau Gigante	2 vereadores	---
	Vitória	2 vereadores	<i>Idade Nova; A Marcha</i>
	Iconha	1 vereador	---
	Siqueira Campos	1 vereador	---
	Cachoeiro do Itapemirim	1 vereador	---
	Rio Novo do Sul	1 vereador	---
	Viana	1 vereador	---
	Alfredo Chaves	1 vereador	---
	Guarapari	1 vereador	---
São Paulo	Cravinhos	1 prefeito	---
	Presidente Prudente	1 prefeito 1 vereador	---
	Pedreira	3 vereadores	---
	Jaú	3 vereadores	<i>Anauê</i>
	Jambeiro	2 vereadores	---
	Amparo	2 vereadores	---
	Cândido Mota	1 vereador	---
	Mogi Mirim	1 vereador	<i>Anauê</i>
	Agudos	1 vereador	---
	Analândia	1 vereador	---
	Bananal	1 vereador	---
	Caçapava	1 vereador	---
	Franco da Rocha	1 vereador	---
	Guáira	1 vereador	<i>O Guáira</i>
	Jundiá	1 vereador	<i>A Folha de Jundiá</i>
	Matão	1 vereador	---
	Palmital	1 vereador	---
	Piracicaba	1 vereador	---
	Potirendaba	1 vereador	---
	Tambaú	1 vereador	---
	São Paulo	1 vereador	<i>O Aço Verde; Acção; Panorama</i>
	Ribeirão Preto	1 vereador	<i>Voz do Oeste</i>
Rio de Janeiro	Barra Mansa	4 vereadores	---
	Pirahy	4 vereadores	---
	S. Sebastião do Alto	4 vereadores	---
	Sumidouro	3 vereadores	---
	Parahyba do Sul	2 vereadores	---
	São Fideliz	2 vereadores	---
	Petrópolis	2 vereadores	<i>A Marcha</i>
	Friburgo	2 vereadores	<i>Alvorada</i>
	Resende	1 vereador	<i>Anauê</i>
	Therezopolis	1 vereador	<i>O Therezopolis</i>
	Miracema	1 vereador	---
	Bacelar	1 vereador	---
	Magé	1 vereador	---
	Niterói	1 vereador	<i>O Acadêmico Integralista; A Ordem</i>
	Rio Bonito	1 vereador	---
	Itaperuna	1 vereador	---
	Bom Jardim	1 vereador	---
	Carmo	1 vereador	---

Minas Gerais	Alvinópolis	5 vereadores	---
	Areado	4 vereadores	<i>Lábaro Azul</i>
	Teófilo Ottoni	2 vereadores	<i>Satélite</i>
	Maria da Fé	2 vereadores	---
	Belo Horizonte	1 vereador	<i>Alvorada; A Marcha</i>
	São João Del Rey	1 vereador	<i>Brasil Novo</i>
	Itajubá	1 vereador	<i>Quarta Humanidade</i>
	Cambuquira	1 vereador	---
	Caxambu	1 vereador	---
Bahia ¹⁴	Santa Inez	1 prefeito	---
	Serrinha	3 vereadores	<i>O Serrinhense</i>
	Itabuna	2 vereadores	<i>O Sigma</i>
	Jequié	2 vereadores	<i>A Voz do Sigma</i>
	Jequiriçá	2 vereadores	---
	Salvador	1 vereador	<i>O Popular; O Imparcial*;</i> <i>O Operário; A Voz do Estudante</i>
	Ilhéus	1 vereador	---
	Alagoinhas	1 vereador	---
Ceará ¹⁵	Pacatuba	1 prefeito	---
Pernambuco	São Lourenço	3 vereadores	---
	Recife	1 vereador	<i>Diário do Nordeste; A Acção</i>
	Garanhuns	1 vereador	<i>A Razão</i>
	Petrolina	1 vereador	---
	Correntes	1 vereador	---
Maranhão	Pedreiras	1 vereador	---

*De acordo com Cristiano Alves (2008, p. 423-424), *O Imparcial*, principal publicação pró-integralismo em Salvador, não era integralista, mas apenas simpatizante. Importa notar que na tabela de periódicos integralistas publicado no *Monitor Integralista*, esse jornal aparece como do movimento

¹⁴ Total de 65 vereadores e 1 prefeito eleitos, contudo não foi possível identificar todos por cidade (FERREIRA, Lais Monica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009).

¹⁵ Foram eleitos 28 vereadores filiados à AIB, por todo o Estado, porém, concorreram pela Liga Eleitoral Católica (LEC), o que demonstra que ali o que importou foi o apoio de um grupo regionalmente forte que, ao todo, elegeu 386 vereadores (REGIS, João Rameres. *Integralismo e coronelismo: interfaces da dinâmica política no interior do Ceará (1932-1937)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, p. 104).